

## DISCURSO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

Em 13 de dezembro de 1960

Não tenho, nem saberia ter, palavras que pudessem expressar a nossa dor, pela morte de JOAQUIM DA COSTA RIBEIRO. Sei bem que não as ajustariam à nossa emoção as fórmulas acadêmicas do elogio fúnebre, ao qual a dissertação cronológica e a enumeração minuciosa de títulos são praxe, pois aquele que hoje choramos levou da vida consigo um pouco de cada um de nós, de tal modo soube integrar-se aos nossos ideais e anelos, de tal modo sentimos em vários passos de nossa vida seu desvelado carinho, seu corajoso apoio, seu repetido auxílio; de tal modo marcou a sua ação o desenvolvimento científico do Brasil, e a própria evolução de nossa Companhia.

Sua presença não se afastará de nossa recordação, como não sairão de nossa memória a sabedoria de seus conselhos, a honestidade e seus julgamentos e o prestigioso calor de sua simpatia.

Já por duas vezes a Academia Brasileira de Ciências manifestou o seu apreço a Joaquim da Costa Ribeiro. Foi um jovem físico consagrado desde os trabalhos inciais, que ela aqui recebeu em 1942, como membro titular para, passado apenas um decênio, em 52, confirmar o acerto de sua escolha, reforçada agora pelo aplauso espontâneo e unânime que aclarou a justiça da decisão que lhe conferiu a maior láurea de nossa Academia, o prêmio Albert Einstein. Com ela, nosso colega juntou-se aos que mais nos merecem: Adolfo Lutz, Miguel Osório de Almeida, Alvaro Alberto da Motta e Silva, Cesar Lattes, Lélío Gama e Fritz Feigl.

Não terá sido na vida de Costa Ribeiro a medalha Albert Einstein recompensa inusitada, pois desde menino figurou ele com brilho nos quadros de honra do Colégio Santo Inácio, onde fez o curso secundário e, excelente estudante, sua passagem pela Escola Politécnica, tão severa em seus galardões, marcou-se pela obtenção dos prêmios "Conselheiro Pitanga" (1924), "Gomes Jardim" (1925), e das medalhas Morsin e Paulo de Frontin conferidas por

ocasião da sua dupla graduação universitária, em 1928, aos vinte e dois anos como engenheiro civil e mecano-eletricista. Veio certamente o prêmio Albert Einstein coroar uma das mais originais atividades de pesquisa que se tem exercido em nosso país, pois o trabalho experimental de Costa Ribeiro, todo ele, foi sempre marcado pela precisão técnica, pela perícia e arrojo experimental e pela segurança de abordagem teórica. Ao seu labor, deu tal conjunto de circunstâncias, projeção invulgar.

Iniciou Costa Ribeiro sua tarefa científica pela criação de um novo método de determinação da radioatividade, assunto que o empolgou e o orientou para o estudo das características radioativas dos minerais brasileiros, com caráter antecipatório do desenvolvimento que a física assumiria entre nós.

Seguiu-se o fascinante arranjo experimental para o estudo da polarização com autocolimação, trabalho realizado em colaboração com Luigi Sobrero, especialmente aplicável ao estudo da fotoelasticidade. Com esta memória, ingressou em nossa Academia.

Vem logo depois, em 1943, seus primeiros trabalhos sobre a propriedade de substâncias dielétricas, iniciados com Bernardo Gross, estudos que levariam, em 1944, à descoberta de um novo fenômeno, que denominou "efeito termo-dielétrico", hoje justamente cognominado "efeito Costa Ribeiro", consistente na produção de cargas elétricas em não condutores na oportunidade das mudanças de estado físico.

Sua tese apresentada à Faculdade Nacional de Filosofia, onde exerceu o cargo de professor Catedrático de Física Experimental, inúmeras memórias e comunicações lidas neste plenário, estabelecem definitivamente a propriedade do descobrimento, as características do fenômeno e a importância de suas consequências, logo reconhecidas por físicos de todo o mundo, e apreciadas e analisadas em nossos debates pelos trabalhos de Gross, Cintra do Prado, Saraiva, e de seus discípulos do departamento de física da Faculdade Nacional de Filosofia, Dias Tavares, Edson Rodrigues,

T. Primerano e R. Rabello.

Foi sua palavra sobre a palpitante descoberta ouvida em Paris, na qualidade de Professor-Visitante do Instituto Franco - Brasileiro de Alta Cultura, no M.I.T., em Strasbourg, em Córdoba, no Bureau de Standards, em Yale, sempre com o mesmo apreço e a mesma atenção.

Nada poderei eu, entretanto, acrescentar na apresentação dessa atividade científica admirável, ao que aqui foi dito por Bernardo Gross, e com que mestria, quando de outorga do prêmio Albert Einstein. Apreciação profunda, meticulosa foi por Gross realizada, e nela, as dificuldades técnicas superadas, tanto quanto a repercussão em terras estranhas, ou o reflexo dos descobrimentos em outros campos da física, foram cuidadosamente analisadas.

Não poderiam ser por mim superados o apreço profissional, a autoridade científica, a análise objetiva, aqui escutados na ocasião. Quero dizer apenas que a descoberta de Costa Ribeiro, fugindo às linhas de investigação física de maior atualidade, as quais se condensam em torno dos temas de grande atração popular, é das que mais alto qualificam a ciência brasileira.

Em nosso país onde os fatores de ambiência social não permitem ainda a ampla eclosão de um maior número de valores reais, a obra, a ação, o espírito público de Costa Ribeiro não poderiam passar despercebidos, e assim, pouco a pouco, como este outro amigo, gigante também pelo espírito, este outro herói da minha vida José Carneiro Felipe, foi ele levado ao torvelinho da administração nacional, e do professorado do Instituto de Educação e da Faculdade Nacional de Filosofia ao Conselho Nacional de Pesquisas, à Comissão de Estudos de material Estratégico, ao Conselho de Diretores do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, à Comissão Consultiva das Nações Unidas para as Aplicações Pacíficas da Energia Nuclear, e por fim, à Agência Internacional de Energia Atômica, à qual dedicou os últimos anos de vida.

Nego que tenha cedido a essas indicações para vencer as duras contingências materiais em que sempre viveu. São elas condição quase que imanente à vida do pesquisador brasileiro, direi mesmo a sua sobrançaria, mas Costa Ribeiro soube vencê-las pelo idealismo, tanto assim que ao cantar nos "Poemas do Amor e da Morte" a sua felicidade, assim se expressa:

" Não nos faltou água, não nos faltou pão,  
Um pouco de mágoa, mas sem solidão,  
E uma chama quente sempre viva e ardente  
Mantendo bem alto o coração"

Afirmo ter sido o desejo de servir que o levou à Administração. A ela o conduziu a necessidade de criar, indistintamente, sem discriminações filosóficas, raciais ou religiosas, as condições de trabalho científico que nunca teve, nas quais não fosse árida a realização experimental, não fossem inexistentes os recursos materiais, não fosse presente a falta de compreensão ou a intranquilidade financeira que ainda atormentam o pesquisador brasileiro. Por isso, deu-se inteiramente à tarefa que lhe competia no Conselho Nacional de Pesquisas, no qual foi o mais hábil e efetivo colaborador de Álvaro Alberto.

A ele devemos, sem dúvida, este sopro de entusiasmo e esperança que há dez anos enfuna a alma dos nossos experimentadores. Nossos técnicos passaram a se sentir, de um momento para outro, menos desvalidos desde quando a ação de Costa Ribeiro, criando o sistema de bolsas de complementação, provendo recursos, dando-lhes meios de trabalho, mostrou-lhes que nas esferas de alta administração aparecerá, afinal, um órgão para o qual a apresentação de justas reivindicações não é impertinência, mas, ao contrário, merece o devido trato e o equânime atendimento até então desconhecidos.

Creio que jamais terá sido tão bem equilibrada uma ação administrativa quanto aquela que reuniu nos pólos de uma mesma atividade a figura exuberante, generosa e audaz de Álvaro Alberto, e a ponderação, o critério judicioso e a perseverança silenciosa de Joaquim da Costa Ribeiro.

Eis, Senhores, que, sem o perceber, alonguei-me na apreciação da obra de Costa Ribeiro.

Não deveria fazê-lo, pois nada acrescento ao que está em nosso próprio conceito. Aqui nos reunimos hoje para homenageá-lo, pela terceira vez. unge-nos não só a admiração sem limites, a amizade sem exceções que todos lhe devotávamos, mas a saudade que passa a ser um privilégio para todos nós que lhe acompanhamos a vida, gozamos de sua intimidade e sofremos de suas vicissitudes. Evoco neste instante o companheiro ímpar, o homem de extraordinária humanidade, o varão que marca a vida pelo traço da bondade constante, do desinteresse material e da generosidade ilimitada. Choramos nosso companheiro, não porque o saibamos insubstituível em uma Assembléia científica, mas porque nos faltará sempre o encanto de sua convivência e o amparo de sua fraternal presença. Sentimo-nos, todos, bem o sei, como se de súbito em ambiente estranho fossem-nos apagadas as luzes. A indecisão de nossos passos temerosos não se desfará tão cedo. Costa Ribeiro será um vácuo na vida de cada qual de nós.

Não vos direi de minhas recordações pessoais. Todos a temos: De mim sei que nossas vidas se encontraram tantas vezes, que sua morte me atingiu como a de meu irmão Evandro, a de Tito Leme Lopes, a de Virgilio Mello Franco, como ele arrancados da vida em poucos instantes, sem que houvesse o destino prenunciado os seus desígnios. Foi, parece-me, profética a voz do irmão de eleição quando nos fala da mais perfeita paráfrase:

" E o sábio que descorre sobre a história dos astros  
 É prevê os eclipses que ocultarão a lua  
 Daqui a milhares de anos  
 Ignora o destino de sua própria existência  
 E não pode afirmar que estará vivo  
 Dentro de poucos instantes".

Parecia prever a sua própria morte.

Não, não nos tragam recordações pessoais. Todas as temos e as minhas ser-me-iam por demais emotivas, pois sei quanto lhe

devo: em nossa amizade só recebi, nunca nada pude retribuir.

Quero antes dizer o que nos vai a todos n'alma, de emoção. Aproximo-me da memória de Costa Ribeiro com o coração cheio da mais pura admiração. Vejo-me na timidez de seus sentimentos, no escrúpulo de suas opiniões, e reverencio nele um dos melhores homens da terra brasileira.

Nada melhor esclarece sua vida que o livro de versos inéditos "Poemas do Amor e da Morte". Manoel Bandeira e Tristão de Ataíde já se pronunciaram sobre a validade de sua inspiração poética e não cabe a mim, que não tenho credenciais, a sua apreciação.

Li-os com angústia que não posso referir-vos, pois ali encontrei a vida do amigo. Senti-me quase intruso ao penetrar nos cânticos de seu amor e seu tormento.

A evolução de sua vida sentimental, que foi a determinante de sua conduta e o lastro de sua estabilidade. Ali se retrata em cada etapa. O noivado, ocasião em que o conheci, a casa de Teresópolis, a primeira filha, a sequência abençoada, tudo enfim, surge no candor enternecido de sua poesia. Até mesmo a suprema solidão da grande ausência.

Neles reconhecemos a inteireza da alma de Costa Ribeiro, voltada para uma mensagem refletida em refrão de amor e generosidade. Neles vivemos um pouco da excepcional felicidade humana, que experimentou, a da perfeita compreensão entre dois seres, como sofremos da espantosa tortura que foi a sua, e à qual resistiu silenciosamente, para não dizer estóicamente. Desta tortura, diria Manuel Bandeira:

"Joaquim, a vontade do Senhor é às vezes difícil de aceitar", ao que respondeu, em outro verso, com a energia implacável que só possuem os santos, e a mais humana aceitação do sofrimento:

"Dai-me a força de aceitar com humildade

Os obscuros desígnios de vossa providência,

Mas permiti, Senhor, que corram dos meus olhos  
As lágrimas mais quentes"

Neles reencontrei a que foi a companheira exemplar, cônjuge na expressão acepção da palavra, mãe de seus 9 filhos, que o fêz dizer apenas conhecida:

"Um dia será minha companheira  
Na dor e no prazer"

e que se tornaria:

" ... a mulher forte da Bíblia sagrada  
Disposta a dar tudo, e não pedir nada,  
Disposta a dar tudo, confiante na sorte,  
Sem medo à vida, sem medo da morte"

Aquela a quem diria:

"Vem meu amor  
Vem suavemente  
Ajudar-me a sofrer",

admirável mulher que inspirou a sua vida, e que o faria proclamar:

"Juntos caminhamos sobre a areia móvel  
E o sol ardente reuniu nossas sombras  
Sobre a planície interminável  
E suportamos sem lamentações o calor das jornadas  
E o frio das noites sem abrigo  
Mas nossos corações não murcharam no egoísmo estéril  
E não estancaram os frutos da vida  
Na Solidão sem esperança"

Lendo seus poemas, melhor compreendi a autenticidade do amigo. Conservou íntegro todo o tesouro espiritual de sua fé e de sua crença. Os sucessos de sua vida científica não o desviaram da compreensão perfeita a posição do homem no universo, nem puderam as vicissitudes materiais que o perseguiram exaurir o que de mais pu-

puro existe na alma humana, o amor e a esperança. Por isso parecia-nos tímido, quiçá irresoluto. Era-o por saber que as reservas humanas que lhe enchiam a alma só existem em alguns poucos eleitos. Vexava-se por assim ser. Era um escolhido, um predestinado, um poeta que poderia assim referir-se ao próprio verso:

"Que ele se eleve muito acima  
Das misérias do mundo,  
Que suba além das núvens e dos astros  
No azul profundo;  
E, antes que os homens possam surpreender-lhe  
O sentido interior,  
Tenha atingido o céu como uma prece  
De Humildade e de Amor"

Costa Ribeiro foi, na verdade, um homem singular. Conservemos sua lembrança como a melhor fonte de nossas esperanças e de nossos ideais.